

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

A probabilidade da fraude e da corrupção

A fraude e a corrupção são soluções alternativas para alcançar o dinheiro necessário para concretizar sonhos que de outro modo não passariam disso mesmo



António João Maia

O estilo de vida das sociedades atuais – autodenominadas sociedades modernas – trouxe-nos e mantém-nos convictamente cientes (e sobretudo profundamente dependentes) da existência de um novo Deus.

Trata-se de um Deus com características distintas dos outros, daqueles dos Templos e dos Rituais Litúrgicos. Mas, à sua maneira, tem igualmente os seus rituais e os seus mistérios. Tem uma enorme capacidade para conferir um certo sentido às nossas vidas, que assim vão ficando cada vez mais enleadas e dependentes dele.

Refiro-me, claro, ao dinheiro e a tudo o que ele representa em termos de poder e de simbolismo para cada sujeito e para a sociedade no seu todo.

Por si só e em termos puramente materiais, o dinheiro pouco ou nada é. De facto e bem vistas as coisas, são pequenos pedaços de metal com impressões em baixo-relevo e tiras de papel pintado que circulam de mão em mão. Pedaços de metal e tiras de papel materialmente iguais a tantos outros com que nos cruzamos em espaços menos dignos e limpos e aos quais não damos qualquer valor por se tratar verdadeiramente de lixo.

Mas o dinheiro, bem o dinheiro é diferente. O dinheiro é mesmo muito diferente...

Por uma espécie de arte mágica ou de transe coletiva em que todos estamos mergulhados, independen-

temente de termos mais ou menos consciência disso (a maioria das pessoas não tem esta consciência), acreditamos, sustentamos e validamos que cada um desses pedaços de metal e tiras de papel tem um determinado valor associado.

E o transe vai de tal modo longe, que o dinheiro se tornou numa espécie de oxigénio que sustenta a vida social. Com dinheiro, e só com ele, tudo se pode comprar. Tudo!

Numa visão rude, mas porventura realista, quase podemos afirmar que quem tem dinheiro vive e quem não o tem não vive ou vive mal.

É com dinheiro que compramos os bens alimentares com que sustentamos a nossa sobrevivência. É com dinheiro que compramos os bens materiais que nos conferem todo o tipo de confortos. É com dinheiro que conseguimos concretizar os nossos sonhos, como seja fazer uma viagem à volta do mundo, comprar um automóvel desportivo topo de gama ou uma mansão junto ao mar.

Quem tem dinheiro e em função do montante / valor de que disponha, reúne condições para concretizar projetos de diversa ordem. Enfim reúne condições para viver dentro dos parâmetros que esta sociedade reconhece como os adequados. E quem não tem dinheiro fica irremediavelmente afastado desta possibilidade. Fica nas franjas da sociedade, Fica numa certa marginalidade.

E entre estes limites encontramos toda uma seriação de possibilidades, entre os abastados e os mais ou menos remediados.

Neste enquadramento suscita-se a questão relativa ao modo de acesso a esse valor tão importante.

O trabalho, no caso dos assalariados, e os investimentos, no caso dos investidores, são provavel-

mente as duas grandes formas socialmente legitimadas para aceder ao dinheiro. E é em função das receitas que cada sujeito tenha que vai naturalmente encontrar o nível de concretização e as opções associadas aos seus projetos de vida.

Provavelmente neste ponto o leitor já se terá questionado, “sim, é verdade que a realidade pode ser lida assim de modo simplista, mas qual a relação de tudo isto com a fraude e a corrupção?”

De facto a fraude e a corrupção encontram também neste contexto uma grande parte ou mesmo toda a explicação para a sua ocorrência.

Se a vida, e sobretudo a qualidade de vida, se faz muito por associação ao dinheiro que se tem ou que não se tem, e se os meios socialmente legitimados para aceder ao dinheiro são em si mesmos limitadores da quantidade / valor de dinheiro de que se pode dispor, não será descabido aceitar que a pressão consumista possa, pelo menos junto de indivíduos menos escrupulosos e mais ambiciosos, suscitar a possibilidade de aceder a mais dinheiro por vias ilegítimas, nomeadamente pela fraude e pela corrupção.

Robert Merton, nos anos 30 do século passado (Merton, R. (1938). Social structure and anomie. In American Sociological Review. 3(5): 672-682) estudou esta questão, no modelo teórico da anomia. Verificou que as expectativas e as opções de vida das pessoas em sociedade se fazem em torno de objetivos socialmente reconhecidos e de meios socialmente validados e disponibilizados para os alcançar. Concluiu o autor que aqueles que conseguem alcançar os seus objetivos através dos meios socialmente reconhecidos e validados apresentam um estilo de vida conforme com as expectativas sociais,

portanto sem problemas e sem lugar a censuras ou sanções. Outros, pretendendo alcançar os mesmos propósitos, mas não dispondo dos mesmos meios, avançam com outros alternativos, socialmente não legitimados, assumindo soluções inovadoras, como lhes chamou.

A fraude e a corrupção são soluções alternativas para alcançar o dinheiro necessário para concretizar sonhos que de outro modo não passariam disso mesmo.

O contexto da sociedade de consumo, que parece não ter limites na procura de novos e sempre “essenciais” produtos para (alegadamente) melhorar a vida das pessoas, vai alargando as “necessidades” de cada um e aumentando a pressão para a sua concretização.

A probabilidade para a ocorrência de fraude e corrupção é por isso uma realidade, como aliás tem sido sobejamente mostrado pelas inúmeras suspeições todos os dias noticiadas um pouco por todo o lado.

